

Ritual e dádiva nos Narcóticos Anônimos

Fernanda Nathali Carvalho Soares

Mestranda pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília

fernanda.nathali@gmail.com

Resumo: Narcóticos Anônimos (NA) é uma das variadas “irmandades” inspiradas no Programa de doze Passos e Tradições dos Alcoólicos Anônimos que se tornam alternativas à toxicomania. Tendo a sociedade estigmatizado esses sujeitos como “desviantes”, o NA apresenta-se enquanto um espaço distinto de resignificações desses estigmas ao promover não só a abstinência em relação aos psicotrópicos, mas também um novo “estilo de vida”, reelaborando a identidade dos membros. A “irmandade” fundamenta-se em um moderno sistema de dádiva, em que a tripla obrigação de *Dar, Receber e Retribuir* é seu alicerce em que se privilegia o cultivo de relações sociais sendo a “palavra” essencial aos envolvidos.

Palavras-chave: Narcóticos Anônimos, Dádiva

Ritual and gift in Narcotic Anonymous

Abstract: Narcotics Anonymous (NA) is one of these "brotherhoods" inspired by the twelve-step program and traditions of Alcoholics Anonymous, that become alternatives to drug abuse. Provided that the society stigmatized those subjects as "deviant", the NA consists, then, as a distinct space from those stigmas resignifications to promote not only abstinence of psychotropics, but also a new "lifestyle", a reworking of the identity of its participants. For this purpose, the "brotherhood" is based on a structure that is matched in a modern system of gift, where the triple obligation to *Give, Receive and Repaying* is their foundation within that is a privileged place for the cultivation of social relations in which the “word” is essential to member.

Key-words: Narcotics Anonymous, Gift

Narcóticos Anônimos: primeiras aproximações

Narcóticos Anônimos (NA) é uma associação comunitária, sem fins lucrativos - auto-intitulada “irmandade” - de pessoas que se qualificam enquanto “adictos”, os quais buscam estar em “recuperação” através do exercício de um programa sugerido. A afiliação à Narcóticos Anônimos é livre, voluntária, não havendo qualquer restrição de ordem social, cabendo aos membros decidirem o modo e a frequência de suas idas às reuniões. Apesar dos grupos terem autonomia para desenvolver suas reuniões - incluindo a liberdade de organização das mesmas e de transmissão das mensagens de NA – a unidade da irmandade é valorizada e corporificada na união aos princípios dispostos nos Doze Passos e Doze Tradições de NA elencados em uma literatura específica. Trata-se de um programa espiritual e individual – que se constitui de forma coletiva – em que se fomenta um espaço privilegiado de circulação da dádiva alicerçada na tripla obrigação de *Dar, Receber e Retribuir* por meio das quais as experiências pessoais verbalizadas por meio da “partilha” e a observância aos princípios são referenciais basilares.

Este artigo baseia-se em uma pesquisa qualitativa, de caráter etnográfico, através da qual se buscou acessar as características particulares desse sistema que interage com o universo das representações sociais no qual as substâncias psicotrópicas assumem significados psíquicos e culturais específicos para o grupo estudado. Os recursos metodológicos utilizados foram a ida regular durante dois meses às “reuniões abertas”¹ do grupo da Asa Norte e três idas às “reuniões abertas” da Asa Sul, portanto no Plano Piloto de Brasília, Distrito Federal.

¹ “Reuniões abertas” são aquelas nas quais qualquer pessoa que não seja membro pode participar sendo qualificado de “visitante”, em oposição às “fechadas” que são exclusivas aos membros.

A restrição de só poder participar das reuniões abertas por estar lá na condição de pesquisadora não foi, no entanto, fator restritivo à pesquisa de campo na medida em que, com o passar do tempo e a contextura de relações de confiança passei a ser referenciada como uma “informada” (GOFFMAN, 1998, p. 28) que se apresenta em tal papel em função do seu trabalho. Assim, mesmo não participando das reuniões fechadas, nas quais em tese os membros se sentiriam mais à vontade em partilhar, as minhas idas às reuniões abertas, depois de algum tempo tornou-se familiar a ponto de permitir acesso a um universo simbólico profundo e significativo. Essa relação de confiança pode ser percebida na prática com os recorrentes convites e idas, depois das reuniões, a uma pizzaria com alguns membros; este, inclusive, apresentava-se como um momento particularmente produtivo, pois além de poder presenciar momentos de descontração e intimidade tornava-se permitido a liberdade de fala, até então solenizada e cadenciada pela ritualidade das reuniões.

Além disso, foi fundamental a propositura de uma entrevista aberta ou não estruturada a alguns membros para melhor compreender alguns aspectos do referencial simbólico. Para entender mais profundamente os meandros das questões, alguns ângulos precisaram ser investigados tais como os significados atribuídos à origem e à persistência do consumo de substâncias psicoativas; a forma de uso, os estilos de vida imbricados nessa estrutura e a imersão na cultura (ou subcultura); enfim, a “identidade do ex-drogadito” e atual membro de NA. Esse método se fez necessário como tentativa de perceber, através do ponto de vista do entrevistado, o percurso que o levou à escolha do NA como caminho para a abstinência. Para isso foi elaborado um roteiro com o objetivo de esclarecer as informações colhidas durante as idas a campo além de dúvidas surgidas durante a pesquisa bibliográfica; por outro lado, a entrevista procurou também

aprofundar o “universo afetivo-existencial” dos entrevistados. O eixo que guiou o roteiro foi a valorização das “histórias de vida” das pessoas entrevistadas, tendo em vista que o objeto de investigação foca a experiência subjetiva dos atores, privilegiando-se dessa forma a narrativa das experiências como elucidação para os comportamentos adotados.

Dádiva

Mauss (2003) ao afastar-se do paradigma positivista e utilitarista, percebeu que os fenômenos sociais podem ser explicados por meio da dimensão simbólica, compreendendo a estreita proximidade desta com as obrigações envolvidas (dar, receber e retribuir). A dádiva nas sociedades estudadas por ele apresenta características totalizantes, consolidando relações sociais e incentivando o “endividamento positivo” enquanto fomentador de vínculos sociais. A mutualidade dessas obrigações estariam eivadas de uma “energia espiritual” (SABOURIN, 2008) uma conexão de almas associado inexoravelmente ao doador, a qual Mauss denomina *mana*, em que o agente dá algo de si, criando uma dependência para com o outro, pois o *mana*, o ser do agente é inalienável, fomentando assim a obrigatoriedade da devolução ou uma eterna dependência. Dessa forma o *mana* polinésio e o *hau* maori seriam não só o fundamento da circulação dos bens, como também um terceiro parceiro de natureza ontológica no qual se produz um valor moral, ético gerado pela dinâmica da reciprocidade dos bens materiais e simbólicos, os quais se imbricam, resguardando, assim, a integridade espiritual do doador; contudo, o prestígio inerente a este não equivale ao seu ego, mas a alguém a quem ele almeja ser e será produzido através da relação de reciprocidade (SABOURIN, 2008).

Para que o NA seja um espaço privilegiado de circulação da dádiva é fundamental o reconhecimento entre os membros de que são pessoas que partilham da adicção e que o compartilhamento não só da experiência negativa com as substâncias psicoativas como com o convívio com adictos que logram uma recuperação permanente e cotidiana possibilitam um novo modo de viver. A identificação entre os membros de NA gera a ideia de pertencimento a este grupo, constituindo-os como “iguais” (GOFFMAN, 1998, p. 28), reificando este grupo enquanto sendo o “grupo real” (GOFFMAN, 1998, p. 123) gerando um impacto profundo na identidade pessoal de cada indivíduo. É fundamental para a recuperação que seus membros assumam a “identidade social real” (GOFFMAN, 1998, p. 65) de adictos, através de uma experiência dialógica das “identidades experimentadas” (GOFFMAN, 1998), na medida em que esta resulta das experiências sociais que os colocaram nessa condição, ou seja, ela é subjetiva e “reflexiva” (GOFFMAN, 1998, p. 53).

No universo dos NA o momento inicial do tripé da dádiva seria inaugurado com a chegada de um membro a irmandade, doação inicial. Essa disponibilidade já ajuda o grupo como um todo. Por isso tenta-se proporcionar uma receptividade calorosa e acolhedora aos novatos na medida em que esta poderá ser determinante para a permanência dele no grupo. Os recém-chegados, saudados como os mais importantes de cada reunião, promovem a oportunidade para os mais antigos de pôr em prática os conhecimentos adquiridos na irmandade, fator que contribuirá para a abstinência de todos.

O segundo momento é caracterizado pela participação deste indivíduo no grupo, do qual ele recebe as ferramentas para entrar em recuperação. A participação no grupo pode

representar desde a simples presença nas reuniões até a disposição em participar da organização do grupo, tornando-se “oficiais” ou “servidores de confiança” que são membros que desempenham funções especiais no grupo de forma espontânea e rotativa. A dimensão da dádiva pode ser percebida não só na dimensão da reciprocidade inerente às relações sociais construídas nesse espaço como também na constituição da estrutura da irmandade na medida em que se verifica uma retroalimentação entre a base, os grupos, com os componentes que “servem” (“os servidores”) à estrutura.

A “partilha” é um dos principais instrumentos através do qual se permite a circulação da dádiva constituindo-se, inclusive, como o principal momento nas reuniões, nas quais são contadas as histórias da vida pregressa ou são expostos os sentimentos e expectativas dos membros. A “partilha” permite que o depoente desenvolva sua autoestima ao possibilitar, com a verbalização da sua experiência de vida, uma nova maneira de viver a quem o ouve, ao mesmo tempo em que falar e saber que está sendo escutado é gratificante para o emissor. Caso haja identificação do sujeito enquanto adicto ele pode tornar-se membro e de várias maneiras ajudar outros adictos a pararem de usar a(s) suas “droga(s) de preferência(s)”, consolidando a etapa da retribuição. Um dos princípios espirituais fundamentais do NA é que a abstinência de cada membro é proporcionada pela ajuda oferecida a outros que ainda se encontram em “adição ativa”, pois é dando “livremente e com gratidão o que nos foi dado livremente e com gratidão” (frase comumente citada entre os membros) que se mantém em abstermia. Assim, o NA viabiliza a reestruturação da identidade do adicto por meio da construção de novos vínculos sociais, cujo cultivo permanente renova a identidade moral dos atores.

A “palavra”, representada pelas “partilhas” em NA, é fundamental para a compreensão da dádiva enquanto sistema, já que ela se constitui como o objeto por excelência nas trocas sociais. A “palavra” se propõe ao outro, enquanto interlocutor, com o qual já está previamente estabelecido e simbolizado o vínculo, a interação que permite a circulação da palavra, nutrindo-se dela. Assim, quando a oportunidade de falar é dada, ela retorna ao cedente inicial (secretário) geralmente acompanhada de um “obrigado” do partilhador; este agradecimento é acompanhado pelo “obrigado” do secretário. O “obrigado” é a verbalização pelo emissor inicial da gratidão para com o seu interlocutor pela dádiva que ele produziu ao partilhar; além disso, o gesto denota que quando o partilhador fala todos se sujeitam a ele. Assim, todos o “obrigam” a compartilhar e, por sua vez, todos se tornam “obrigados” a partilhar também já que todos em uma mesma reunião podem ser partilhadores e ouvintes em determinado momento. Nesse sentido a “palavra” assume o significado de “fé, força e esperança” (expressão recorrentemente utilizada pelos membros da irmandade) para quem escuta, sujeitando os ouvintes pela necessidade que têm em ouvir tais mensagens enquanto estratégia necessária para se manter em tratamento. Ao mesmo tempo, o partilhador é obrigado pela necessidade que tem em compartilhar tais experiências. Toda essa rotatividade caracteriza a função primordial da “palavra” que é justamente circular, ir e vir, concretizando o caráter simultaneamente gratuito e obrigatório da dádiva.

É importante salientar que a dimensão da dádiva não se restringe a esse círculo. Ela assume outras formas de circulação no espaço de NA, sendo o “apadrinhamento” uma das formas através da qual a dádiva circula. O apadrinhamento, assim como o próprio NA, calca-se na individual identificação entre os membros, que não precisa necessariamente constituir-se como uma relação de amizade; aproxima-se mais de uma

relação de confiança; é a possibilidade de estreitar os laços e estendê-lo para além das reuniões, pois a necessidade de compartilhar pode ser imediata; essa também pode ser uma maneira de auxiliar o “afilhado (a)” (o membro apadrinhado) a entender a programação, a trabalhar os passos e tradições de NA.

A dimensão da dádiva evidenciou-se como especialmente promotora de uma “nova” forma de sociabilidade em que a dádiva é privilegiada e fomentada no sentido de contribuir para a promoção não só da abstermia como também para a promoção de um novo estilo de vida. A dádiva é possível, principalmente, em função do reconhecimento identitário guardado e exercitado de forma ritualizada entre os membros, permitindo a formação de um novo, e às vezes principal círculo social.

Considerações finais

A sociedade ao mesmo tempo em que elege quais características podem ser tidas como ordinárias, habituais constitui estratégias para enquadrá-las dentro ou fora dos padrões. A condição para a organização social é que todos compartilhem e incorporem de um mesmo conjunto de “expectativas normativas” (GOFFMAN, 1998), regras sociais que definem as circunstâncias sociais e quais comportamentos são adequados a estas situações. Nesse sentido, tanto os “normais” quanto os estigmatizados compartilham, a princípio, do mesmo conjunto de valores socialmente estabelecidos, sendo o “inadaptado” o indivíduo que ressignifica a sociedade em padrões considerados por essa como sendo inadequados.

Se a cultura está em constante movimento e sujeita a permanentes modificações em função das experiências vivenciadas pelos indivíduos (SHALINS, 1990) o NA seria o espaço por excelência da conformação de uma “estrutura prescritiva” na medida em que se projeta nos comportamentos uma ordem social pré-concebida e desejada pela sociedade envolvente tal como propõe Shalins (1990). Todavia, neste tipo de dinâmica observa-se, idealmente, uma “estrutura performativa” na medida em que é na própria reprodução da ação que vai ocorrendo a adequação da relação. Aqui as relações são constituídas na prática e a mutualidade entre esta e o “ser” se dá dentro de um contexto de significados pré-definidos. Nesse sentido estes espaços buscam (re)construir as “descrições” que faziam sentido para os usuários, buscando identificar, individualmente, quais elos sociais foram rompidos e qual a melhor forma de reinseri-los nesses espaços. Se a história ordena a cultura, sendo o inverso também verdadeiro a cultura é descrita e modificada na ação (SHALINS, 1990). Essa alteração ocorre quando os homens objetiva ou subjetivamente reavaliam o seu sistema simbólico. Assim, toda reprodução cultural é uma modificação, pois novos significados são agregados constantemente na dinâmica social, promovendo, em alguns casos, uma “transformação estrutural” (SHALINS, 1990). Contudo, as alterações significativas ocorrerão, segundo Mauss (2003), quando houver a necessidade da tomada de consciência da condição de pessoa de cada um para assim aperfeiçoá-la e articulá-la mais precisamente. O NA configura-se, precisamente com um espaço privilegiado de (re)socialização no qual o sentido da “noção de pessoa” (MAUSS, 2003), tal como foi gestado em nossa sociedade é recuperado, afastando os seus membros dos estigmas moralmente impostos ao propor outra linha de argumentação para o comportamento da “ativa”.

Segundo Goffman (1998), sendo a identidade não só a reunião da dimensão individual, mas também social do indivíduo nada mais oportuno para os membros da irmandade em questão do que reconstruí-la dentro de grupos sociais institucionalizados e estabelecidos que seguem padrões normalizadores, fundamentado em uma estrutura racionalizada. É a admissão dessa identidade que impactará profundamente a existência de vida dessas pessoas de forma a proporcionar a elas uma profunda mudança. Contudo, essa transformação não é unilateral na medida em que redefine a identidade social, provocando uma mudança em como esse sujeito é visto pelos outros (BECKER, 1977).

Os “iguais”, segundo Goffman, podem se reunir em função da sua experiência comum e estabelecer um grupo no qual possam compartilhar essa experiência, utilizando-a para reconstituir sua vida, devendo, para isso, resignificar a sua experiência de tal forma que ele margearia os limites da completa exclusão e da total inserção. Esse grupo pode servir então para informar quais estratégias empregar num contexto interacional; pode também funcionar como uma base de apoio na qual o indivíduo poderá queixar-se, relatar a sua experiência ou buscar bem-estar. Como já alvitado acima essa é a proposta do NA enquanto espaço privilegiado de circulação da dádiva, servindo a quem se dispõe a segui-la não só em sua proposta programática, mas também ao adotar o “estilo de vida” proposto, no qual a participação na irmandade é condição basilar.

Referência Bibliográfica

Antes do início – Os Grupos Oxford. Disponível em: <<http://www.aa-areasp.org.br/portal/irmandade/historia/os-grupos-oxford-.html>> Extraído dia: 11 de maio de 2009

BECKER, Howard S. 1977. "Marginais e desviantes", "Tipos de desvio", "As regras e sua Imposição", "Os empresários Morais" e " Consciência, Poder e Efeito da Droga". In: Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro: Zahar.

CARDOSO, Ricardo Muniz Mattos. **Só por hoje: um estudo sobre narcóticos anônimos, estigma social e sociedade contemporânea.** 113f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História – Universidade Federal Fluminense, 2006.

GODBOUT, Jacques T. "Introdução à dádiva" In: Revista brasileira de Ciências Sociais, Vol. 13, nº 38, Outubro 1998, p. 39-51.

_____. **O espírito da dádiva.** Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas, 1999.

GOFFMAN, Erving. 1998. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Ed. LTC.

LOECK, Jardel Fischer. **Só por hoje: um estudo sobre estigma e ritualidade**.

_____. Dissertação de mestrado até então em fase de elaboração (ainda sem título e conclusão).

MACREA, Edward. **Abuso de drogas: problema pessoal ou social?**

_____. **Das drogas. O controle social do uso de substâncias psicoativas**.

_____. **A abordagem etnográfica do uso de drogas**.

_____. **Antropologia: Aspectos sociais, culturais e ritualísticos**.

_____. **Abordagens qualitativas na compreensão do uso de psicoativos I**.

MAUSS, Marcel. 2003. **“Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify.

_____. 2003. **“Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”**”. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify.

MOTA, Leonardo de Araújo e. 2005. **Drogas e Estigmas**. Trabalho apresentado na II Semana de Humanidades da Universidade Federal do Ceará (UFC).

_____. 2002. **A solidariedade entre os Alcoólicos Anônimos: A dádiva da modernidade**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. 1993. **Narcotics Anonymous World Services**.

_____. **Informações sobre NA.** (Folheto explicativo da Irmandade)

_____. **Sobre o grupo. 1994.**

_____. **Isto resulta. 1998. Os doze passos e as doze tradições de Narcóticos Anônimos.**

VELHO, Gilberto. **Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil.**

_____. 1985. **“Um estudo sobre comportamento desviante: contribuição da antropologia social”.** In: **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social.** Rio de Janeiro: Zahar. 5ª Ed.

_____. 1998. **Nobres e Anjos: Um estudo de tóxicos e hierarquia.** Rio de Janeiro: FGV.

SABOURIN, Eric. **Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade.** *Rev. bras. Ci. Soc.*[online]. 2008, vol.23, n.66 [citado 2012-02-08], pp. 131-138 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000100008&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-6909. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092008000100008>>. Extraído em 05 de julho de 2011, às 17:39.

VALENÇA, Tom. **Consumir e ser consumido, eis a questão: Configurações entre usuários de drogas numa cultura de consumo.**

